



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**ANA CARLA EUGENIO DA SILVA**

**DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA:  
UM ESTUDO SOBRE OS QUILOMBOS SÍTIO VEIGA E ALTO ALEGRE**

**REDENÇÃO/ACARAPE**

**2023**

ANA CARLA EUGENIO DA SILVA

DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UM  
ESTUDO SOBRE OS QUILOMBOS SÍTIO VEIGA E ALTO ALEGRE

Monografia apresentada à banca examinadora,  
como parte dos requisitos para a aprovação na  
disciplina de TCC II e obtenção do título de  
bacharel em administração pública.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini

REDENÇÃO/ACARAPE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Silva, Ana Carla Eugenio da.

S586d

Desafios para a implantação da educação escolar quilombola: um estudo sobre os quilombolas Sítio Veiga Alto Alegre / Ana Carla Eugenio da Silva. - Redenção, 2023.

41f: il.

Monografia - Curso de Administração Pública, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini.

1. Educação escolar. 2. Quilombos - Quixadá (CE). 3. Quilombos - Horizonte (CE). 4. Negros - Educação - Ceará. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370.98113

---


ANA CARLA EUGENIO DA SILVA

DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UM  
ESTUDO SOBRE OS QUILOMBOS SÍTIO VEIGA E ALTO ALEGRE

Monografia apresentada à Banca Examinadora do bacharelado em administração pública da  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, como requisito  
parcial para obtenção do título de bacharel em administração pública.

**Aprovada em : 30/01/2023**

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 PEDRO ROSAS MAGRINI  
Data: 15/02/2023 09:11:51-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>


Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-  
UNILAB

*Ana Maria Eugenio da Silva*

Prof Ms. Ana Maria Eugenio da Silva (Avaliadora)

Universidade Federal do  
Ceará-UFC

Documento assinado digitalmente  
 ANDREA YUMI SUGISHITA KANIKADAN  
Data: 15/02/2023 08:22:33-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa Dra. Andrea Yumi Sugishita Kanikadan (Avaliadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-  
UNILAB

## AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer e a muitas pessoas. Foi uma trajetória linda, onde fiz novas amizades, abracei novos conhecimentos e pude experienciar a vivência com pessoas diversas. Agradeço a você mãe que acima de tudo sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, você é meu porto seguro. Avó Eliana, a senhora me deu força para ter coragem de vir estudar longe de casa e mesmo na saudade entendeu que eu tinha que seguir meu caminho. Ao meu pai Fernando que tanto esperou por esse momento, mas não conseguiu alcançá-lo em vida só tenho a agradecer por todo o amor que me deu, por sempre se mostrar orgulhoso de mim e por ser um pai maravilhoso para mim e meus irmãos, mesmo sem o vínculo sanguíneo, gostaria de ter o senhor aqui ao meu lado, obrigada por tudo. Aos meus amigos, obrigada pela força que me deram nessa caminhada, foram vocês que tiraram risadas de mim em dias cansativos e tristes, me apoiaram nas disciplinas e nos eventos, obrigada queridos. Ao meu companheiro Samora Caetano venho demonstrar minha imensa gratidão por todo o apoio que me deu durante esse percurso, durante minhas crises de fibromialgia acalmou meu choro e fez de tudo para diminuir minha dor para que pudesse continuar minha jornada, me deu amor e conselhos que levarei para a vida toda e sempre incentivou a minha vida acadêmica. Agradeço também a todos os meus professores, do ensino infantil até os da graduação, vocês me deram as ferramentas para chegar até aqui. Pedro Rosas Magrini, você foi mais que um orientador, você foi um guia que me trouxe a este momento, foi compreensivo em todas as dificuldades que passei nesse período e me incentivou e elogiou em diversos momentos de dificuldade. A todos que de alguma forma me ajudaram, com seu apoio, motivação ou de qualquer outra forma, meu muito obrigada a você também. A UNILAB se tornou um lar para mim, mas para seguir meu caminho terei que dar um breve até logo. Demonstrar minha gratidão a todos vocês aquece meu coração e me faz sentir que estou pronta para as novas aventuras que me esperam, pois tenho vocês ao meu lado para buscar apoio e amor. Obrigada a banca por aceitar participar de um momento tão importante para mim e contribuir comigo na melhora dessa pesquisa.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como título Desafios para a implementação da educação escolar quilombola: um estudo sobre os quilombos Sítio Veiga e Alto Alegre, cujo o objetivo é verificar quais as dificuldades enfrentadas para a implementação da educação escolar quilombola nessas duas comunidades e o que vem sendo feito. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em conjunto com a realização de entrevistas, a bibliografia possibilitando a explanação dos conceitos de quilombo, educação escolar quilombola e história das comunidades e as entrevistas possibilitando a verificação de fato do que vem acontecendo nessas comunidades no que diz respeito a educação escolar quilombola e sua implementação. O trabalho está dividido em três partes, são elas: o primeiro capítulo, no qual foi abordado o conceito de quilombo e história dos quilombos Alto Alegre e Sítio Veiga, o segundo capítulo, em que foi abordado o conceito de educação escolar quilombola e por fim o terceiro capítulo onde foi realizada a discussão e apresentado os resultados das entrevistas. Para a abordagem do conceito de quilombo e história dos quilombos Sítio Veiga e Alto Alegre utilizei autores como Silva (2021), Ferreira (2017) e CONAQ (s/d), já na abordagem dos conceitos de educação escolar quilombola, trouxe Brasil (2012). A pesquisa trouxe diversos fatores que vem dificultando a implementação da educação escolar quilombola nos quilombos citados acima, como a falta de profissionais qualificados, materiais didáticos próprios entre outras, e também o que vem sendo feito para lidar com essas dificuldades, traz a relação das comunidades com as escolas e com os poderes públicos municipais de Quixadá e Horizonte e a influência destes nesse processo.

Palavras-Chave: Educação escolar quilombola, Quilombo, Sítio Veiga, Alto Alegre.

## **ABSTRACT**

This research is entitled Challenges for the implementation of quilombola school education: a study on the quilombos Sítio Veiga and Alto Alegre, whose objective is to verify the difficulties faced in the implementation of quilombola school education in these two communities and what has been done. The methodology used was bibliographical research together with interviews, the bibliography enabled the explanation of the concepts of quilombo, quilombola school education, and the history of the communities, and the interviews made it possible to actually verify what has been happening in these communities with regard to quilombola school education and its implementation. The work is divided into three parts, they are the first chapter, in which the concept of quilombo and the history of the Alto Alegre and Sítio Veiga quilombos was approached, the second chapter, in which the concept of quilombola school education was addressed and finally the third chapter where the discussion was held and the results of the interviews were presented. To approach the concept of quilombo and the history of quilombos Sítio Veiga and Alto Alegre, I used authors such as Silva (2021), Ferreira (2017), and CONAQ (undated), already in the approach to the concepts of quilombola school education, I brought Brasil (2012). The research brought several factors that have been hindering the implementation of quilombola school education in the quilombos mentioned above, such as the lack of qualified professionals, own teaching materials, among others, and also what has been done to deal with these difficulties, brings the relationship of communities with schools and municipal public authorities of Quixadá and Horizonte and their influence in this process.

Keywords: Quilombola School education, Quilombo, Sítio Veiga, Alto Alegre.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2. Conceitos iniciais de Quilombo e os Quilombos Sítio Veiga e Alto Alegre .....</b>	<b>4</b>
<b>3. A Educação escolar Quilombola .....</b>	<b>8</b>
<b>4. Metodologia .....</b>	<b>12</b>
<b>5. A VOZ QUE ECOA NOS QUILOMBOS: O RELATO DE QUILOMBOLAS DOS QUILOMBOS SÍTIO VEIGA E ALTO ALEGRE .....</b>	<b>14</b>
5.1 Conhecimento sobre educação escolar quilombola. ....	14
5.2 Dificuldades para a implantação da educação escolar quilombola .....	16
5.3 Relação da escola que recebe os estudantes quilombolas .....	18
5.4 Soluções para enfrentar as dificuldades na implantação da educação escolar quilombola. ....	20
5.5 Relação da gestão municipal/secretaria de educação com a comunidade. ....	22
<b>6. A VOZ DAS ESCOLAS: AS DIRETORAS E SUAS PERCEPÇÕES .....</b>	<b>26</b>
6.1 A escola e as/os estudantes quilombolas .....	26
6.2 A gestão municipal e a educação escolar quilombola.....	30
<b>7. A VOZ DO ESTADO A PARTIR DAS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO ...</b>	<b>33</b>
7.1 A educação escolar quilombola .....	33
7.2 A influência da gestão municipal no processo de implantação da educação quilombola. ....	35
7.3 Desafios e dificuldades na implementação .....	38
<b>8. Considerações Finais .....</b>	<b>39</b>
<b>9. Referências .....</b>	<b>40</b>



## 1. INTRODUÇÃO

A educação escolar quilombola tem grande importância para as comunidades quilombolas, pois se acredita que a partir dela se teria um fortalecimento da identidade quilombola, que por vezes é apagada no sistema de ensino tradicional, e também por conta da distância enfrentada pelas crianças e adolescentes das comunidades para chegarem nas escolas que lhes são ofertadas. O quilombo Sítio Veiga se localiza a aproximadamente três quilômetros da escola mais próxima e pela dificuldade no acesso por conta das estradas de terra muitas crianças ficam impossibilitadas de irem a escola por conta dos transportes escolares, além da falta de reconhecimento da especificidade dessas crianças dentro dessa escola, fazendo com que muitas delas não tenham acesso a um ensino que traga não só as diretrizes básicas, mas também o estudo de sua cultura, história e identidade étnica. Ou seja, para além da questão operacional de proximidade e estrutura das escolas, há um elemento epistemológico (de conhecimento) frequentemente não valorizado no ambiente escolar.

Várias são as dificuldades enfrentadas para a implementação da educação escolar quilombola, dentre elas temos a falta de profissionais que entendam as diretrizes curriculares de uma educação diferenciada, a falta de diálogo com os governos locais e a invisibilidade dada ao quilombo pelo município. A educação escolar quilombola consiste em um currículo que traz em sua base muito mais do que disciplinas básicas, mas que reconhece as particularidades, inclusive a oralidade, de cada comunidade e que busca em seu currículo ensinar sobre a história, a cultura e sobre o pertencimento étnico-racial. Ou seja, é muito importante para o fortalecimento étnico-racial e para a internalização da história e cultura de cada quilombo por seus jovens e crianças. A reivindicação das comunidades de uma educação escolar quilombola está fortemente ligada à busca pelo acesso à terra, saúde, segurança, justiça e etc., pois na concepção de lideranças quilombolas a educação pode ser utilizada como meio de fortalecer suas lutas.

A educação escolar quilombola é uma temática que muito me instiga, pois por ser quilombola e não ter tido uma educação diferenciada voltada para as especificidades da minha comunidade sei que minha educação básica não foi suficiente para sanar a necessidade de conhecer a história, a cultura e os saberes próprios do quilombo Sítio Veiga. É uma política pública que ainda está em construção e que é muito importante para a garantia do acesso e da permanência de quilombolas dentro do ensino, e para que

assim eles tenham uma boa formação, que os permita uma ascensão no mercado de trabalho e na vida acadêmica.

O quilombo Sítio Veiga ainda não possui essa política pública e suas crianças e jovens têm que se deslocar para fora da comunidade para ter acesso a uma educação que não busca a valorização dos valores étnico-raciais, que é eurocêntrico e que acaba por deixar a formação dos estudantes quilombolas cheia de falhas. Uma maneira que a comunidade encontra de repassar seus valores, crenças, cultura e história do quilombo é por meio da oralidade.

A educação escolar quilombola se dá a partir de diretrizes curriculares diferenciadas e em escolas localizadas dentro das comunidades, o que demanda que os currículos incluam não só a base nacional curricular, mas também as especificidades de cada comunidade, em sua história, cultura e vivências e é por isso que é de extrema relevância para as comunidades em específico a Sítio Veiga ter dentro de seu território uma escola quilombola, para que assim fortaleça seus jovens e crianças a partir de uma educação que vem reforçar a luta do movimento quilombola, pois a partir da educação o jovem vai perceber a importância de seu território, dos seus direitos a saúde, educação e direitos sociais, fazendo assim com que o movimento consiga mais avanços para as comunidades.

O estudo busca identificar e analisar as dificuldades para que essa política pública seja efetivada, pois a partir da identificação e análise poderemos buscar maneiras de superar os obstáculos que impedem que a educação escolar quilombola seja implantada dentro dessa comunidade, assim evidencia-se a importância que essa pesquisa teria para mim e para a comunidade que tem a necessidade de ter um ensino de qualidade que os reconheça e os valorize enquanto quilombolas, e que assim a partir de um currículo diferenciado possa proporcionar uma educação de qualidade para os jovens da comunidade.

Na realização desse trabalho temos como objetivo geral analisar o processo de implementação da educação escolar quilombola dentro de duas comunidades: o Quilombo Sítio Veiga, no município de Quixadá e o Quilombo Alto Alegre, a partir de múltiplos olhares: moradoras/es, direção da escola e secretaria de educação

A pesquisa terá como base um estudo exploratório, com o uso de levantamento bibliográfico, entrevistas abertas e análise de exemplos de comunidades que estão passando por processos distintos de implantação da educação escolar quilombola.

O levantamento bibliográfico será feito a partir de leitura que tragam o conceitos de quilombo, a história do quilombo Sítio Veiga e do quilombo Alto Alegre e que expliquem o que é a educação escolar quilombola e quais dificuldades ela enfrenta hoje, leituras essas que serão por meio de artigos científicos, sites do governo, das diretrizes curriculares e de leis que regularizam essa política pública..

Houve elaboração de roteiros próprios para cada entrevista, que terá como objetivo verificar a veracidade das hipóteses, sendo aplicado no quilombo Sítio Veiga e Alto Alegre, com a direção da escola que recebe os estudantes da comunidade e representante da secretaria de educação de forma a verificar quais as dificuldades que elas identificam como determinantes para a não efetivação da educação escolar quilombola na comunidade e outro para a comunidade Alto Alegre que já está no processo de implementação da educação escolar quilombola, também com seus membros, para assim verificar quais foram as dificuldades enfrentadas e como foram contornadas.

Após as entrevistas foi realizada a interpretação dos dados e por fim a análise e discussão dos mesmos, de forma a explicitar quais foram os resultados da pesquisa e a comprovação ou não das hipóteses propostas.

## 2. CONCEITOS INICIAIS DE QUILOMBO E OS QUILOMBOS SÍTIO VEIGA E ALTO ALEGRE

Este primeiro capítulo traz uma reflexão acerca do movimento quilombola no Brasil, com conceitos de quilombo, informações sobre os quilombos no Brasil, no Ceará até chegar nos quilombos Sítio Veiga e Alto Alegre.

O conceito de quilombo, mudou muito ao longo dos anos, se antigamente o quilombo era visto e definido como um espaço de escravizados fugitivos, hoje ele é conceituado muito mais como um espaço de luta e resistência histórica, luta pela terra, pela educação e pela permanência e sobrevivência de suas culturas e de seu território.

Em 1740, em correspondência entre o Rei de Portugal e o Conselho Ultramarino, quilombos ou mocambos foram definidos como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em partes despovoadas, ainda que não tenham ranchos levantados, nem se achem pilões neles”. Essa perspectiva conceitual de quilombo se fez presente em diversos outros documentos legais posteriores. (SOUZA, 2008, p.23)

O quilombo sempre foi um espaço de resistência, sendo a resistência ao modelo escravista, ou ao extermínio de sua cultura e ancestralidade. Como pode-se perceber o conceito dado aos quilombos anteriormente não condiz mais com a realidade vivenciada nos quilombos atualmente. Então tornou-se necessário um novo conceito, diferente do mostrado na citação acima.

Hoje os quilombos são chamados de comunidades remanescentes de quilombos e a Conaq os define da seguinte forma:

Os remanescentes de quilombo são definidos como grupos étnico-raciais que tenham também uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, e sua caracterização deve ser dada segundo critérios de auto-atribuição atestada pelas próprias comunidades, como também adotado pela Convenção da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. (CONAQ, s.d, s/p)

Os remanescentes de quilombos ainda enfrentam diversas lutas pelo seus territórios, mas a partir da constituição de 1988 eles conquistaram novos direitos como também um novo conceito, isso a partir do artigo 68 do Ato das disposições constitucionais transitórias que vem buscar a garantia do direito à terra às comunidades quilombolas.

Atualmente, essas comunidades passam por identificação, autodefinição e certificação, passos administrativos de responsabilidade da Fundação Cultural Palmares para que lhes sejam atribuídas à legalidade e a posse inalienável de seus territórios. Decorrente a posse está a garantia do acesso aos direitos fundamentais previstos na Constituição Federal. (SOUZA, 2012, s/p)

O movimento quilombola tem na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) sua principal representação. Segundo o CONAQ (s/d) a representação nacional do movimento quilombola surge no I Encontro Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas em 1995 foi criada então a Comissão Nacional Provisória das Comunidades Rurais Negras Quilombola que foi uma primeira representação do movimento quilombola em âmbito nacional, depois disso em 1996 dá lugar a CONAQ enquanto representação.

A constituição da Conaq lança o movimento quilombola no cenário nacional. A partir daí, o movimento quilombola é reconhecido como um dos mais ativos agentes do movimento negro no Brasil contemporâneo e introduz um debate que busca fortalecer a perspectiva de que este país tem em suas estruturas mais profundas uma grande pluralidade étnica. (CONAQ, s/d, s/p)

Segundo dados do site da Fundação Cultural Palmares havia cerca de 3495 comunidades quilombolas certificadas no Brasil em 20 de janeiro de 2022. Sendo 87 no Ceará. Porém existem diversas outras que não são certificadas e permanecem em luta constante pelo direito de existir. Silva (2021, p.61-62) retrata essa realidade quando diz:

O Estado do Ceará possui 87 Quilombos segundo dados do mapeamento das comunidades realizada em 2019 com a Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Estado do Ceará (CEQUIRCE). Porém, os números são bem mais que estes, pois existem ainda muitos Quilombos que continuam na invisibilidade, assim como o Veiga, só se afirmou Quilombo, em meados dos anos de 2009, através das lutas e participação. Dos 87, quilombos cearenses, 53 possuem o título de certificação por meio da Fundação Cultural Palmares.

A Fundação Cultural Palmares é a responsável por certificar essas comunidades. O estado do Ceará conta com a Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (CEQUIRCE) como sua representação nas questões quilombolas. A fundação cultural Palmares foi criada em 1988 pelo governo federal, segundo Brasil (2022, s/p) foi a primeira instituição pública que tinha como objetivo a valorização e preservação dos valores, cultura e resistência negra do país, mas somente em 2003 foi lhe dada a competência de certificar as comunidades quilombolas.

O quilombo Sítio Veiga fica localizado no município de Quixadá, Ceará, no distrito de Dom Maurício, também conhecido popularmente como Serra do Estevão. “[...] O Quilombo fica a 3 km da sede do distrito Dom Maurício, 8 km do município Choró-Limão e a 22,9 km da cidade de Quixadá, no estado do Ceará.” (SILVA, 2021, p.48)

Silva (2021) evidencia que o quilombo Sítio Veiga é formado por 46 famílias que vivem basicamente da agricultura familiar com plantações de sementes crioulas

como fava, milho, feijão entre outras. Também contam com os quintais produtivos e com as árvores frutíferas. Além de contarem com programas sociais como o bolsa família, atualmente auxílio Brasil e com a renda de agricultores já aposentados.

O quilombo foi certificado pela FCP em 2009, e desde então vem lutando pela garantia de seus direitos. Todos os anos é realizada a Semana da Consciência Negra, onde ocorrem diversas atividades dentro da comunidade no mês de Novembro.

A garantia do acesso à educação é uma luta antiga dentro do quilombo, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelas famílias para manterem seus filhos estudando, principalmente no período de chuvas, onde o transporte escolar muitas vezes não consegue chegar à comunidade por conta da estrada em péssimo estado. A escola mais próxima e que recebe os alunos do quilombo fica a 3km de distância da comunidade o que dificulta a ida dessas crianças e adolescentes para a escola andando, e sem o transporte escolar fica inacessível a ida todos os dias.

Dentro do território quilombola chegou a existir uma escola nas décadas de 1960, Escola de Primeiro Grau José Pereira de Souza, que foi desativada na década de 1990. Daí em diante dificultou-se ainda mais o acesso à educação, uma vez que as crianças, jovens e adultos precisavam e precisam ainda se deslocar para a Escola de Ensino Fundamental Antônio Martins de Almeida, que fica localizada na sede do distrito Dom Maurício, atendendo também outras crianças das comunidades vizinhas. (SILVA, 2021, p.89)

Partindo de tudo isso, torna-se cada vez mais necessário se pensar em uma escola dentro da comunidade, que sane não só essas dificuldades de deslocamento mas também possa proporcionar aos estudantes do quilombo uma educação diferenciada que atenda às suas especificidades e que fortaleça sua identidade e cultura.

O quilombo Alto Alegre está localizado na cidade de Horizonte, Ceará, na região metropolitana de Fortaleza e tem como o quilombo Sítio Veiga, História e Cultura própria. Trazendo um pouco sobre o processo de identificação do quilombo Alto Alegre trago Ferreira (2017, p.77-78) que apresenta:

[...]as primeiras movimentações da comunidade em termos de sua organização e institucionalização enquanto movimento quilombola se dão a partir do ano de 2002. Como destacado pelos interlocutores, essa movimentação deu-se por circunstância do protagonismo de uma pesquisadora negra, Cecília Holanda (in memoriam), que realizou uma pesquisa na comunidade, trazendo até o grupo uma série de informações sobre o pleito quilombola.

Posteriormente a essa pesquisa os integrantes da comunidade passaram a resgatar as memórias do seu ancestral fundador Negro Cazuza. Ferreira (2017) ainda apresenta que depois dessa pesquisa que é considerado o primeiro passo para identificação da comunidade como quilombola, foram realizadas por ela reuniões onde

se apresentaram temáticas quilombolas e os direitos que a comunidade poderia requerer junto ao Estado de acordo com a legislação. Sendo assim em 2005 foi criada a Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências que é a representação dos integrantes da comunidade até os dias atuais.

Com a criação da associação a comunidade passa a se organizar e buscar os seus direitos de acordo com a lei, nesse processo Ferreira (2007) relata que alguns pesquisadores da Universidade Federal do Ceará que já haviam realizados pesquisas na comunidade levaram os dados junto a um integrante do Ministério da Justiça e da Secretaria dos Direitos Humanos, que foi até a comunidade realizar uma visita.

Desta maneira, em 24 de maio de 2005 a comunidade de Alto Alegre recebeu a certidão de auto-reconhecimento que a certifica enquanto “remanescente das comunidades dos quilombos”. A partir deste momento em que a comunidade passa a se reconhecer e ser reconhecida enquanto quilombola, ela inicia uma mobilização mais ampla que recai sobre a construção de sua identidade e também de uma (re) configuração social mediada pela (re)apropriação tanto de sua trajetória histórica-social quanto de sua ancestralidade. (FERREIRA, 20017, p.82)

A trajetória da comunidade de Alto Alegre até seu reconhecimento enquanto quilombo, passa por um processo de autoconhecimento por parte dos moradores da comunidade, a busca de uma identidade a partir da reconstrução da trajetória de seu ancestral negro cazuza feita a partir da memória dos mais velhos.

O quilombo de Alto Alegre hoje possui uma escola de ensino fundamental dentro da comunidade, a Escola Municipal Olímpio Nogueira Lopes que hoje tem como gestora uma mulher negra quilombola, que vem contribuindo nesse processo de implementação da educação escolar quilombola na comunidade.

### 3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A educação escolar quilombola é fruto de diversas lutas do movimento quilombola, juntamente com o movimento negro e teve três audiências públicas que muito contribuíram para se pensar em diretrizes curriculares diferenciadas.

As audiências públicas realizadas tiveram como tema “A Educação Escolar Quilombola que temos e a que queremos” e contaram com a participação significativa de representantes das comunidades quilombolas, gestores, docentes, estudantes, movimentos sociais, ONGs, fóruns estaduais e municipais de educação e diversidade étnico-racial, pesquisadores e demais interessados no tema. As datas dos encontros foram as seguintes:

1ª audiência: Cidade de Itapecuru-Mirim, MA, no dia 5 de agosto de 2011, das 9h às

13h, no Itapecuru Social Clube. Público: 368 participantes.

2ª audiência: Cidade de São Francisco do Conde, BA, no dia 30 de setembro de 2011,

das 9h às 13h, na Câmara dos Vereadores de São Francisco do Conde.

Público: 433 participantes.

3ª audiência: Brasília, DF, no dia 7 de novembro de 2011, das 9h às 13h, no auditório do Conselho Nacional de Educação. Público: 110 participantes.(BRASIL, 2012, s/p)

Vemos a partir dessa audiência que a educação escolar quilombola sempre parte de uma construção coletiva e que é necessário a participação ativa de representações das comunidades e do estado. A educação escolar quilombola é uma modalidade de educação que busca em seu currículo diretrizes que ajudem no fortalecimento da identidade étnico-racial e que reconheça as especificidades de cada comunidade.

A Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica define que a Educação Escolar Quilombola, requer pedagogia própria, respeito à especificidade étnico-racial e cultural de cada comunidade, formação específica de seu quadro docente, materiais didáticos e paradidáticos específicos, devem observar os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica Brasileira, e deve ser oferecida nas escolas quilombolas e naquelas escolas que recebem alunos quilombolas fora de suas comunidades de origem.(LOPES, 2018, s/p )

Para entender e se pensar nessa educação fala-se primeiro em compreender o conceitos de quilombo para além de ideias pré-concebidas, como definições que expõem os quilombos como lugar de “escravos” fugitivos, hoje o conceito de quilombo ganha novos ares e ressignificação, segundo O’dwyer (1995, p. 2) apud Brasil (2012, s/p):

O termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em



regiões e contextos do Brasil. Contemporaneamente, quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebeldes. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho e número de membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento por meio de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão.

Existem hoje no Brasil leis que regulamentam e que deveriam assegurar essa educação diferenciada para essas comunidades tradicionais, segundo a resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 que define as diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola ela tem que seguir algumas diretrizes para a educação básica tais:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade (BRASIL, 2012, p. 3)

A educação escolar quilombola é composta por seis modalidades sendo elas a educação infantil, fundamental, educação especial, ensino médio, a educação profissional médio técnico e a educação para jovens e adultos.

II -compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;

III -destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV -deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V -deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

VI -deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade (BRASIL, 2012, p. 4)

Apesar de ser regulamentada por lei, muitas comunidades seguem ser ter esse direito assegurado, e a presente pesquisa busca identificar quais as dificuldades para a garantia desse direito, segundo o Ministério da Educação a educação diferenciada ainda não consegue ser implantada em muitas comunidades.

A educação é uma das principais ferramentas para que as comunidades quilombolas e o movimento quilombola possam se fortalecer dentro de suas lutas, de suas reivindicações e de sua identidade. Soares (2016, p.12) em seu texto destaca isso.

É fundamental destacar que a reivindicação das CRQs por uma política educacional em seus territórios está organicamente articulada com suas lutas pelo direito à terra, saúde, justiça e energia elétrica. Na concepção de algumas lideranças quilombolas, a educação é uma das ferramentas que, se bem utilizada, poderá contribuir e fortalecer suas lutas históricas.

É a partir desse pensamento que se tem a percepção do quão importante é a educação escolar quilombola, pois a partir dela haverá um maior conhecimento acerca da história das comunidades, da importância do território e uma educação que possibilite uma maior qualidade educacional aos jovens da comunidade, dando a eles também meios de entrar nos espaços acadêmicos e trazer para seus quilombos, quilombolas formados nas mais diversas áreas do conhecimento.

No Brasil, em números gerais e de acordo com os dados - de 2016 - da Fundação Cultural Palmares, existem 2.847 CRQs e 2.248 instituições de ensino localizadas em comunidades quilombolas. Tomando tais dados como base, totaliza-se que as escolas estão presentes em aproximadamente 79% dos territórios quilombolas brasileiros, entretanto a sua presença não assegura que a Educação Escolar Quilombola seja baseada nas Diretrizes Curriculares e que a escola tenha um espaço físico satisfatório. (CAMPOS e GALLINARI, 2017, p.213)

Essas escolas nem sempre representam o que é a educação escolar quilombola, e em sua grande maioria apresenta uma estrutura física precária que conseqüentemente influencia no processo de ensino-aprendizado.

A precariedade das escolas quilombolas, entretanto, pode interferir na realização desse processo. Com a ausência de boas condições e de espaço físico, é possível que prevaleçam somente as visões negativas dos educandos - de parte deles - a respeito da escola, o que, conseqüentemente, acaba por prejudicar o processo de ensino-aprendizagem oferecido. (CAMPOS e GALLINARI, 2017, p. 213-214)

Para que a educação escolar quilombola passe a ser uma realidade de todas as comunidades ainda há muitos percalços, mas é a partir do conhecimento dos principais desafios é que se pode traçar estratégias para contornar todos eles.

#### 4. METODOLOGIA

O presente trabalho se construiu a partir de uma pesquisa bibliográfica com autores e autoras que viessem a definir e conceituar quilombo e educação escolar quilombola dentre aspectos que englobam essas temáticas.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2013, p.106)

Com uma abordagem qualitativa, o trabalho também utilizou-se de pesquisa de campo com o uso de entrevistas, no quilombo Sítio Veiga e quilombo Alto Alegre.

Sendo num primeiro momento construído um referencial teórico e entregue em um projeto de pesquisa até a utilização da técnica de entrevistas. Entrevistas estas Não-Diretivas, que Severino (2013, p.108) explica que :

Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações.

As entrevistas foram com três grupos diferentes, secretarias de educação, diretoras de escolas e lideranças quilombolas. Esses grupos estavam divididos entre o quilombo Sítio Veiga localizado em Quixadá, Ceará e Alto Alegre em Horizonte, Ceará da seguinte forma: Diretora da escola com educação escolar quilombola da comunidade de Alto Alegre; Diretora da escola que recebe os estudantes de ensino fundamental do quilombo Sítio Veiga; Duas lideranças do quilombo Alto Alegre; Dois quilombolas do quilombo Sítio Veiga; Secretarias de educação de Quixadá e Horizonte.

As escolhas desses três grupos se deu através do que eu desejava descobrir sobre o processo de implementação da educação escolar quilombola nessas duas comunidades. Primeiro os membros das comunidades trariam informações de como as comunidades conheciam a educação escolar quilombola e como percebiam as dificuldades para que fosse implementada. No caso das diretoras, surgiriam informações sobre a escola que recebe esses estudantes quilombolas, e a secretaria de educação fecharia esse ciclo de informações cruzadas através do ponto de vista institucional,

como representação da gestão municipal e como responsável por essa implementação, sendo essencial para essa discussão.

Em um primeiro momento foram enviadas cartas de apresentação de pesquisa assinada pelo orientador da pesquisa a todos os três grupos, por meio de email e whatsapp. Contudo, só houve retorno dos representantes da associação do quilombo de Horizonte e da diretora da Escola Olimpio Nogueira Lopes. Foi ampliado o contato com os membros da comunidade sítio veiga e com as secretarias de educação por outros meios, como números de telefone disponíveis nos sites das secretarias e serviços de mensagens, conseguindo apenas com a secretaria de Horizonte.

As primeiras entrevistas realizadas ocorreram com dois membros do quilombo de Alto Alegre e com a diretora da escola Olimpio Nogueira Lopes e em seguida foi possível agendar através do secretário da escola Antonio Martins de Almeida a entrevista com a diretora. Houve uma tentativa presencial de entrevista na secretaria de educação de Quixadá já que não houve retorno depois de dois e-mails com solicitação de pesquisa, obtendo êxito em agendar a última entrevista que faltava. Todas as entrevistas foram realizadas onlines através de google meet ou chamadas de vídeo do Whatsapp por conta do contexto pandêmico e pela dificuldade de se deslocar entre as cidades pela distância. As entrevistas foram gravadas com a permissão das/os entrevistadas/os, armazenadas e posteriormente transcritas de maneira direta, organizando de acordo com os três grupos. Direção das escolas, representantes da comunidade e representantes das secretarias de educação. Os nomes dos entrevistados foram resguardados e utilizados nomes fictícios.

A pesquisa enfrentou desafios principalmente no que diz respeito às entrevistas, por ocorrer durante um contexto pandêmico, nos limitamos a realizar todas as entrevistas online através de ferramentas de vídeo chamada. O período entre a primeira e a última entrevista foi de aproximadamente seis meses, entre Abril e Outubro de 2022, onde enviei email com solicitações formais de pesquisa, quando não obtive retorno de alguns fui em busca de outros meios de contato e até me desloquei até a secretaria de educação de Quixadá para conseguir retorno sobre a solicitação. As últimas entrevistas ocorreram já no momento das eleições o que também gerou um pouco de receio por parte dos participantes a responder questões relacionadas à gestão municipal, mas contornadas essas dificuldades o resultado foi apresentado e alcançado o objetivo definido inicialmente.

## **5. A VOZ QUE ECOA NOS QUILOMBOS: O RELATO DE QUILOMBOLAS DOS QUILOMBOS SÍTIO VEIGA E ALTO ALEGRE.**

Durante a pesquisa, entrevistamos quatro moradoras/es de dois Quilombos: Sítio Veiga e Alto Alegre localizados respectivamente em Quixadá-CE e Horizonte-CE. O primeiro, o quilombo de Alto Alegre que já se encontra no processo de implementação da educação escolar quilombola e o Sítio Veiga que ainda não deu início. Foram duas pessoas de cada um dos quilombos. No Quilombo Veiga, entrevistamos Dona Francisca, 54 anos de idade, negra e agricultora. Segundo ela, nasceu em Quixadá, naquela mesma localidade onde vive até hoje, mas residia em São Paulo, onde morou vinte anos, mas retornou no início dos anos 2010 onde vive até hoje. Atualmente é tesoureira da Associação Remanescente Quilombo Sítio Veiga. José é da mesma comunidade, tem 20 anos e é estudante de enfermagem da Unilab desde 2018, mora em Acarape-CE atualmente por causa da Universidade, não tem cargo e nem é associado da associação, apenas seus pais.

Maria é uma das informantes residentes do quilombo Alto Alegre, tem 34 anos e é estudante de pedagogia na Unilab, é vice-presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo de Alto Alegre, desenvolve projetos dentro da comunidade, como o Saberes quilombolas com Cazuzinha que é um personagem infantil da qual ele traz a história da comunidade numa perspectiva para crianças. O outro informante do quilombo de Alto Alegre é João, de 59 anos, que nasceu em Pacajus, onde também se tem uma comunidade quilombola e hoje mora no quilombo de Alto Alegre. É um professor aposentado que desempenha o cargo de organizador dos trabalhos na Associação dos Remanescentes de Quilombo de Alto Alegre.

As questões apresentadas abaixo dizem respeito ao conhecimento sobre a educação escolar quilombola, os desafios para implementação da educação escolar quilombola, a relação da escola que recebe os estudantes quilombolas, as soluções para enfrentar as dificuldades na implantação da educação escolar quilombola e a Relação da gestão municipal/secretaria de educação com a comunidade.

### **5.1 Conhecimento sobre educação escolar quilombola.**

Quando abordamos as/os informantes, sobre o conhecimento acerca da Educação Quilombola as respostas variaram bastante. No Sítio Veiga, **Francisca** mostrou desconhecimento sobre o assunto e justificou com base em sua falta de estudos. “Não conheço, nunca abordaram esse assunto no quilombo e outra, eu não tenho estudo suficiente para ta a par de todas essas questões”. Outro membro da comunidade, **José**, mostrou bastante conhecimento sobre o assunto e disse:

Em relação a educação escolar quilombola, eu tenho um conhecimento breve, infelizmente não faz parte do meu curso, ou da área que eu quero estudar, mas eu tenho o conhecimento que a educação quilombola, ela ressalta muito a questão histórica, a questão cultural, a questão que é sempre influenciado pelo processo da vinda da população escravizada do continente africano e toda a questão de luta e resistência desse povo nas novas terras e como eles criaram os quilombos, forma de resistir a esse processo. Então a educação quilombola se firma nesses pilares né, da questão histórica, cultural, da questão etnico-racial, de você ter esse conhecimento que engloba todos esses fatores.

Na comunidade de Alto Alegre ambos os entrevistados mostraram conhecimento sobre a Educação Quilombola, uma delas inclusive faz parte da Comissão Interinstitucional de Educação Escolar Quilombola (CIEE)<sup>1</sup>. Segundo **Maria**, no quilombo Alto Alegre em 2022 começou a funcionar a escola de ensino médio que é quilombola, direcionada para essa educação diferenciada, tendo também a escola de ensino fundamental Olímpio Nogueira Lopes que está começando a realizar algumas ações para que se possa trabalhar essa temática. **João** também mostra conhecimento: “participei lá na SEDUC, por duas vezes na formação e hoje aqui no nosso quilombo também tem uma escola quilombola que não está sendo muito utilizada a história dos quilombolas, mas a gente, como está começando agora, a gente está na luta para melhorar a situação da educação sobre os quilombolas”.

Fica evidente que o acesso à educação formal e as localidades onde residem qualificaram as respostas, ou seja, quem tem mais estudo formal trouxe mais elementos, sobretudo do Quilombo Alto Alegre, onde já se tem escolas em processo de implementação da educação escolar quilombola.

---

<sup>1</sup> De caráter consultivo, de assessoramento e de deliberação no seu âmbito de atuação, a CIEEQ foi instituída por portaria e tem a finalidade de assessorar a Secretaria da Educação do Ceará (Seduc) na formulação de políticas para a Educação Escolar Quilombola. A CIEEQ é composta por representantes de comunidades e organizações quilombolas, por Secretarias Municipais de Educação e por órgãos governamentais, organizados em três instâncias de representação: representantes das comunidades quilombolas do Ceará, Secretarias Municipais de Educação (SME) e instituições governamentais. (CEARÁ, 2021, s/p)

O acesso à educação superior também é pauta do movimento quilombola do Ceará e em 2017 tivemos o primeiro edital específico para entrada de quilombolas e indígenas em uma universidade pública no estado, este edital começou a ser pautado no 17º Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará: “Nada sobre nós sem nós” que aconteceu no quilombo Sítio Veiga e contou com a presença de alunos e professores da UNILAB, nesse encontro levantasse o debate sobre a entrada de estudantes quilombolas na universidade e a partir daquele debate e da reivindicação do movimento quilombola surge o primeiro edital específico, que contemplou o curso de pedagogia e teve 6 vagas.

No dia 22 de dezembro de 2017, foi publicado o Edital nº 33/2017 o primeiro processo seletivo específico para ingresso de estudantes quilombolas e indígenas. Nesse processo foram ofertadas seis (6) vagas para os estudantes quilombolas e cinco (5) vagas para os estudantes indígenas, apenas para o curso de Pedagogia no Ceará, para ingresso no semestre 2017.2. (FERREIRA; SANTOS; COSTA, 2022, p. 47)

Essa entrada de estudantes quilombolas na Universidade é histórica, pois para a educação escolar quilombola acontecer é necessário profissionais qualificados, de preferência que sejam daquela comunidade, e esse ainda é um entrave para que a educação escolar quilombola aconteça e vemos na entrada desses estudantes da Unilab uma grande oportunidade de formar profissionais para voltarem às suas comunidades como profissionais qualificados.

## **5.2 Dificuldades para a implantação da educação escolar quilombola**

Quanto às dificuldades de implementação, as/os informantes disseram que a falta de profissionais capacitados é o principal obstáculo. Segundo **Francisca** do quilombo Sítio Veiga: “Não temos verba, não temos pessoas capacitadas para ensinar os alunos do quilombo e nem tem ninguém que se pronuncie para nos ajudar”. O segundo entrevistado do quilombo Sítio Veiga ressalta também a falta desses profissionais:

Eu acho que uma das maiores dificuldades né, de para implementação desse tipo de educação aqui no quilombo, com uma escola quilombola, professores que tenham conhecimento, se influenciam muito pela questão de nossos governantes não consideram esse tipo de estudo diferenciado, esse método diferente de educação, como algo importante, algo que deva ser posto a frente né como algo de extrema relevância para o processo educacional, como se nossas crianças, nossos jovens quilombolas não precisassem desse conhecimento específico, como se fosse algo descartável, algo que não importasse para o processo educacional desses jovens.



Os entrevistados do quilombo Alto Alegre quando questionados sobre as dificuldades para a implementação da Educação escolar quilombola seguem a mesma linha de raciocínio, **Maria** afirma que:

Acredito que uma das dificuldades seja a questão que nós ainda não temos pessoas formadas para ocupar esses espaços, porque por mais que a gente dialogue com o estado, com o município, quando vai se contratar o professor, um coordenador ou um diretor sempre tem que ter a questão da sua formação acadêmica e nós estamos nesse processo agora. Então sempre a gente perde um pouco nessa questão. Por exemplo, na escola de ensino médio nós não temos nenhuma pessoa da comunidade ocupando esses espaços, como professor, coordenador, diretor, então são pessoas de fora então acho que isso quebra um pouco porque você tem a qualificação, mas não tem a vivência, não tem a raiz, eu acho que isso fica um pouco a desejar.

**João** ressalta ainda que além de profissionais também se tem a falta de material didático onde ele fala:

Material didático. A gente tem muitos trabalhos feitos aqui na comunidade, mas nunca ninguém trouxe nada para a gente né, de retorno, quer dizer, o povo fazia os trabalhos, as pesquisas, vão embora e não retornam mais nem para deixar um pouquinho do que foi feito aqui pra gente ter assim uma noção do quê que eles fizeram, como foi que fizeram e a gente tem essa dificuldade porque a gente tá pegando mais, eu digo a gente porque sou da escola né, tá pegando mais assim coisas mais de fora, mas nós também aqui no nosso município, nós já temos um livro, que retrata bem a escola quilombola. Esse livro foi feito por pessoas também daqui do nosso quilombo e do povo de todo Horizonte.

Percebe-se que um dos pontos em comum é a falta de profissionais qualificados, mas também é notável que como o quilombo Alto Alegre já está no processo de implementação, o quilombo sítio Veiga parece não ter avanços quanto a discussões sobre o assunto dentro da comunidade e nem com o governo municipal.

Art. 50 A formação inicial de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola deverá:

I- ser ofertada em cursos de licenciatura aos docentes que atuam em escolas quilombolas e em escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas;

II -quando for o caso, também ser ofertada em serviço, concomitante com o efetivo exercício do magistério;

III -propiciar a participação dos graduandos ou normalistas na elaboração, desenvolvimento e avaliação dos currículos e programas, considerando o contexto sociocultural e histórico das comunidades quilombolas;

IV -garantir a produção de materiais didáticos e de apoio pedagógico específicos, de acordo com a realidade quilombola em diálogo com a sociedade mais ampla;

V -garantir a utilização de metodologias e estratégias adequadas de ensino no currículo que visem à pesquisa, à inserção e à articulação entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos tradicionais produzidos pelas comunidades quilombolas em seus contextos sócio-histórico-culturais; (BRASIL, 2012, p. 17)

Um professor de uma escola quilombola precisa ter conhecimento sobre a história, cultura e tradições da comunidade, além de formar um vínculo com a comunidade e com seus integrantes. É importante saber integrar a seus conteúdos a dinâmica do dia a dia da comunidade onde ensina, a realidade dos seus alunos e alunas e das famílias daquela comunidade. Saber levar a comunidade para dentro da escola e a escola interagir com a comunidade.

### 5.3 Relação da escola que recebe os estudantes quilombolas

Quando questionados sobre a relação da escola que recebe os estudantes quilombolas, as respostas foram opostas quando se trata das duas comunidades. **Francisca** do Sítio Veiga afirmou que não há um ensino diferenciado (particularizado) aos estudantes quilombolas. Concordando, **José** enfatizou ainda que há ainda ações e discriminatórias:

que eles [Escola] tendem a ter um preconceito com essas pessoas, tendem a achar que elas não têm tanta capacidade, não tem tanta relevância no meio, muitas vezes com algumas brincadeiras, algumas chacotas, ah são os fulaninhos do veiga, são os negros do veiga, então você percebe que sempre tem essa questão de preconceito por essa identidade dessas pessoas, então eu vejo com maus olhos, negativamente esse olhar da educação para os nossos jovens, nossas crianças.

A escola é um espaço de construção de conhecimento e de formação de cidadãos, se a escola mantém um padrão de educação que reproduz as desigualdades sociais e inferioriza o que é visto como diferente se mantém uma construção de cidadãos racistas, homofóbicos, machistas e que não conseguem respeitar as diferenças existentes entre os grupos sociais, daí a importância de uma educação emancipadora, especificamente nesse caso uma educação que traga a importância das relações etno-raciais e que reforce as demandas das comunidades quilombolas, para a criação de lideranças quilombolas fortes, que irão lutar pelo direito à terra, a saúde, a educação e o reconhecimento da sua identidade étnica. E é isso que se procura na educação escolar quilombola hoje.

Já quando se trata dos entrevistados do Alto Alegre, ficou evidente uma visão mais positiva de ambos informantes quanto a essa relação escola e comunidade. **Maria**, por exemplo, mostrou a importância de ter uma mulher quilombola na direção da escola, uma pessoa capacitada e sensível.

[...] a Marleide é da comunidade então antes mesmo dela entrar na escola já conhecia as crianças aqui da comunidade, já conhecia os pais, então assim a relação é melhor né, a gente vê que tanto as crianças como os pais se reconhecem mais nesse espaço, se sentem mais à vontade e eu ouvi muito aqui da comunidade as pessoas falarem até que uma pessoa nossa tá ocupando aquele espaço até que enfim temos uma diretora é da comunidade que nos conhece, hoje eu vejo essa relação e também ela puxa muito a questão da comunidade, em conhecer a história, em trabalhar diversos aspectos como cabelo, porque a gente sabe que é um processo para as meninas, principalmente que está nessa idade de adolescência, para elas é um processo doloroso porque a gente sabe que ainda há muitas “brincadeiras”, a gente sabe que a escola passa por várias situações e o racismo está presente diariamente nesse espaço. Então assim ela tá buscando hoje em dia com a coordenação também, que os coordenadores, que temos o Evilazio que também é um homem negro e tem a Estér que também tá morando na comunidade, e que ela também entende essa problemática, então ter essa equipe lá como gestores da escola, tem trazido esse diferencial nesse olhar, nessa busca de alternativa para se trabalhar essas questões.

Vemos na fala a importância de se ter uma direção e uma profissional que conhece as especificidades da comunidade e que tem um laço com as pessoas dessa comunidade. Fica nítido como isso estreita a relação com os alunos, com os pais o que facilita a boa relação comunidade/escola. Aqui também fica evidente que há preconceito e discriminação, mas que é fundamental ter profissionais sensíveis e preparados para lidar com as violências cotidianas que ocorrerão nesse espaço.

Fica nítido a diferença de percepções entre os entrevistados das duas comunidades, enquanto temos uma negativa completa do quilombo Sítio Veiga quando a receptividade frente estudantes e as educação quilombola, no quilombo de Alto Alegre aparenta estar mais avançando com essa questão, ressaltando a presença é a necessidade de ocupação de espaços político-pedagógicos mais diversos e sensíveis a questão do racismo, por exemplo.

Quando questionados sobre a educação diferenciada dentro das escolas que recebem os estudantes quilombolas, as respostas das/dos entrevistados das duas comunidades também divergiram. Enquanto há novamente uma negativa firme por parte dos entrevistados do quilombo sítio veiga, os de Alto Alegre seguem outro caminho.

No ponto de vista voltada para educação diferenciada eu percebo que esses jovens eles não recebem uma educação diferenciada, muitas vezes os pais não tiveram acesso a educação no processo de infância, então essas crianças quando vão realizar atividades de casa, algum dever, os pais sentem

dificuldade, não consegue auxiliá-los e meio que a gestão da escola acaba dizendo que a criança não tem capacidade que o problema é dela e que ela tem que se virar e aprender porque ela não aprende como todo mundo e acaba não relevando esses aspectos que podem acabar dificultando o processos educacional desses jovens e crianças.

Na fala acima **José** deixa claro que os estudantes do quilombo Sítio Veiga não recebem uma educação diferenciada na escola que frequentam e que muitas vezes tem seus aprendizados prejudicados pela não atenção às suas especificidades e a realidade em que vivem.

No quilombo Alto Alegre, por outro lado, segundo os entrevistados mesmo não sendo efetiva a educação diferenciada devido a outras demandas vindas de órgãos superiores há a tentativa frequente:

Por mais que se tente ainda não temos porque a gente sabe que a uma demanda e essa demanda vem de cima, então assim, tem que atender o que é colocado para todas as escolas, então assim a gente sabe que tem essa dificuldade, com a pandemia também entendemos o atraso de alguns alunos então hoje em dia estão na tentativa de recuperar todo esse atraso, questão de leitura, aí questão de letramento dessas crianças. Está em um processo muito. É tanto que na escola hoje está com vários projetos para se trabalhar esse aprendizado né, das crianças, para acelerar esse processo, e quando você tem uma demanda vindo de cima para atender dificilmente você pode colocar outros elementos, mas a gente procura alternativas, por exemplo na hora do intervalo, tá buscando retratar brincadeiras que eram da comunidade, buscando fazer uma roda de conversa com alguns alunos, colocando músicas que venham falar sobre a população negra, então assim, trazendo esses elementos para ser implementado nesses momentos que dá, porque realmente de fato hoje a escola tem muita demanda que tem que ser cumprida e a gente sabe que tem que se trabalhar o que eles mandam (Maria).

Enquanto a escola que recebe os estudantes do quilombo Sítio Veiga parece não ter iniciativas para uma educação diferenciada para seus alunos quilombolas, a escola de Horizonte embora apresente demandas externas e dificuldades para aplicação, tenta construir essa educação diferenciada nos momentos que são oportunos.

#### **5.4 Soluções para enfrentar as dificuldades na implantação da educação escolar quilombola.**

Sobre alternativas para solucionar as dificuldades para a educação escolar quilombola ser efetivada, as visões são múltiplas e mostram a complexidade do desafio. **Francisca** se atentou para a capacitação dos professores, já **José** acredita que o quilombo Sítio Veiga está muito longe de conseguir a educação escolar quilombola:

seria algo difícil, não seria algo fácil, a gente precisaria provavelmente mostrar que é uma questão relevante, importante e teria que ter uma conversa com nossos líderes políticos, teria que ou até mesmo conseguir essa

visibilidade por meio das eleições que estão por vir, mas eu acredito, eu sinceramente acredito que essa questão ainda vai ser muito difícil, vai ser uma luta muito difícil de ser ganha, vai ser um processo muito demorado, muito desgastante e provavelmente eu ou alguns dos jovens adultos que estão na comunidade, estão se deslocando da comunidade para poder trabalhar e estudar, a gente não vai ver esse processo acontecer, eu sou pouco negativo, um pouco pessimista nessa relação, acredito que talvez com o passar dos anos, com várias tentativas a comunidade consiga porventura alcançar o objetivo. (José)

No quilombo Alto Alegre, as questões parecem distintas, mas se complementam na ideia de como vem sendo contornadas as dificuldades enfrentadas.

Hoje nós estamos a associação que representa toda a comunidade, a gente sempre está em diálogos, mas nós também temos um grupo que digamos que seja um grupo político, para busca mesmo da implementação das políticas públicas, então a gente sempre está em diálogo, sempre está conversando, estamos estudando para entender as demandas, que não adianta só a gente querer pedir sem a gente conhecer de fato as leis, as demandas, o que é de direito, então assim, esse grupo, esse diálogo faz com que a gente expanda mais para outras pessoas, para que outras pessoas possam entender e possam se juntar a nós, então a gente está na articulação. Hoje o que nós temos feito é isso, reuniões, articuladas para que a gente possa futuramente aí está melhorando essa questão, mas a gente acredita muito que futuramente quando tiver mais pessoas formadas aqui dentro como pedagogos, historiadores, a galera da sociologia, agrônomos eu acho que vai dar uma melhorada nessa questão de profissionais também, a gente tá lutando nessa demanda para trazer a educação escolar quilombola para a comunidade, mas a gente também está se preparando como profissionais para que a gente possa também está ocupando esses espaços.

Já **João** afirma sobre a necessidade de haver um espaço próprio para a educação quilombola :

Com o espaço da própria escola quilombola vai melhorar o ensino tanto de uma escola como da outra, porque a gente vai ter a movimentação da escola própria quilombola e os alunos da escola Olímpio Nogueira já vão com um pouco da bagagem do que é a escola quilombola, porque está sendo implantada no próximo ano se deus quiser, a escola do Olímpio Nogueira pretende começar essa implantação da escola quilombola com seus alunos.

As questões apresentadas pelos quatro entrevistados têm pontos em comum, porém dá para notar que o quilombo Alto Alegre está muito à frente quando se fala em discussão, conscientização da comunidade, efetivação da política e articulação. Enquanto o quilombo Alto alegre apresenta membros da comunidade conscientes sobre a educação escolar quilombola, uma diretora quilombola em sua escola, o quilombo Sítio Veiga parece não ter essa discussão entre os membros da comunidade e não dialogar com a escola que recebe seus estudantes.

A resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 que define diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola já traz a necessidade da participação da

comunidade na elaboração e efetivação da educação escolar quilombola enquanto política pública, bem como o protagonismo dos estudantes quilombolas nesse processo, bem como a articulação da escola de acordo com as demandas apresentadas pelas lideranças das comunidades quilombolas. Assim é necessário que esse diálogo passe a acontecer no quilombo Sítio Veiga para que possa avançar no que diz respeito à educação escolar quilombola na comunidade.

### **5.5 Relação da gestão municipal/secretaria de educação com a comunidade.**

Questionados sobre a relação da gestão municipal com a comunidade, **Francisca** mostrou que se tem uma breve aproximação nos últimos tempos: “No momento, antigamente não tinha nenhuma, agora nós estamos mais próximos porque uma das lideranças se dá muito bem com a secretaria e agora nós temos até médico, todo mês nós temos médico no quilombo, que antigamente nós não tínhamos isso.” Para **José** essa relação só existe quando o governo municipal busca comunidade no intuito de autopromoção:

A nossa relação com a gestão municipal e com a secretaria, eu vejo como algo muito oportuno, ah eu preciso me autopromover, eu vou ali, vou trazer as dançadeiras de São Gonçalo, vou fazer um projetinho ali com os jovens, mas muitas vezes assim como algo isolado e algo muito datado, quando eu preciso promover, eu preciso mostrar que estou fazendo alguma coisa pela cultura, pelo processo ancestral né então eles sempre procuram a comunidade como lhes convém, a gente percebe que é sempre muito predatório essa maneira de encontrar, ah não eu preciso me promover, vai ter um evento eu tenho que dizer que eu estou me importando com todos e todas que fazem parte do meu governo, que fazem parte dessa minha gestão, então a gente percebe que é algo muito seletivo né dessa integração entre a gestão municipal.

No quilombo Alto Alegre, como nos vários relatos anteriores, a relação parece mais consolidada e dialógica. Para **João**, a relação é “Muito boa, ela sempre deu apoio, sempre foi a gestão para a comunidade, tanto que a direção da escola tá na mão de uma dos quilombolas”. Tatiana detalha essa relação e mostra a importância das políticas públicas regulatórias no processo de aproximação, mesmo que muitas vezes seja “para cumprir a lei”.

É uma relação hoje boa, assim de diálogo, hoje a gente consegue ter essa questão de conversar e tem uma escuta, a gente vê esse diferencial, que hoje em dia eles sempre olharam muito para a comunidade, sempre tiveram uma boa relação, mas hoje eu vejo uma mudança que eles realmente querem entender, hoje quando a gente tá conversando aqui a gente fala muito nessa

questão de lei, então a gente apresenta, o que realmente de fato é pra ser, e eles tem muito, uma dificuldade de entender a questão étnico-racial com a questão quilombola que a gente sabe que são coisas parecidas, mas que tem suas particularidades, comunidade quilombola tem seu modo, tem o seu jeito, então eles começaram a entender isso, assim eles são abertos para essa melhoria e eu vejo eles muito presentes aqui na comunidade, fazendo essa escuta, eu acho isso muito bacana, porque a gente sabe que por mais que nós estamos a muito tempo nessa busca por melhorias a gente sabe que é um processo demorado e a gente fala muito hoje, eu, Jeovane e Marleide, hoje nós estamos lutando para nossos futuros, quem vai colher talvez seja nossos filhos, nossos netos, que a gente sabe que é processo nessa questão racial no Brasil é um processo demorado, mas acredito que estamos no caminho, estamos trilhando esse caminho para alcançar essas melhorias que nós pretendemos deixar ai para as novas gerações (Maria).

Na fala de Maria conseguimos perceber como essa relação da comunidade com a gestão municipal mesmo sendo boa ainda tem algumas dificuldades, como é no caso da confusão entre a educação para as relações étnico-raciais e a educação escolar quilombola.

A gestão municipal sempre é pauta importante, pois é ela a responsável pela implementação da educação escolar quilombola nesse caso, já que as duas escolas são municipais. No Art. 58, parágrafo primeiro, inciso III da resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 que define diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica são dadas as atribuições do Município em relação a educação escolar quilombola. “a) garantir a oferta da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no nível municipal, levando em consideração a realidade das comunidades quilombolas, priorizando a sua oferta nessas comunidades e no seu entorno;” (BRASIL, 2012, p. 12) Questionada sobre isso, **Francisca** mostra toda sua insatisfação com a ação municipal: “eles só vem aqui quando é em época de eleição, quando é no mês da consciência negra, só para apresentar as nossas custas.”

A partir da fala da entrevistada acima percebemos uma característica muito presente nas instituições seja pública ou privadas nos dias de hoje, no mês de Novembro, onde temos o dia da consciência negra no dia 20, vemos uma procura pelas comunidades negras sejam elas rurais ou urbanas para que seja passada uma imagem de inclusão nessas instituições. O dia 20 de novembro é uma data muito importante para as comunidades negras e em específico para as comunidades quilombolas, o quilombo Sítio Veiga tem uma forte tradição na semana da consciência negra todos os anos, onde há a valorização da sua cultura, aprendizado e integração da comunidade, mas também é um momento onde várias pessoas e instituições costumam usar para benefício próprio na procura da autopromoção. Mas no resto do ano é difícil perceber a presença da

temática do racismo, das comunidades quilombolas e da valorização dessa cultura por essas mesmas instituições, sendo também o caso do governo municipal.

**José** elabora sua resposta, apesar da ausência, mostrando a necessidade e da importante do Estado, através da participação da gestão municipal:

Na questão de influência da gestão municipal nesse processo eu creio que seria de grande relevância nossos governantes municipais, prefeito juntamente com a secretaria de educação visasse essa implementação como algo muito importante porque são questões culturais, são questões históricas que estão enraizadas no nosso quilombo, que estão enraizadas na nossa vida e que muitas vezes não são levadas como importantes, não são levadas a sério. São levadas como conhecimento antiquado, descartável, conhecimento que não vale a pena o investimento, e como se dá o nosso dinheiro, investir dinheiro, investir tempo e infraestrutura, mão de obra para visar a implementação dessa escola nesse local né.

Mesmo enfatizando a importância, ele afirma que as conversas da secretaria municipal com a comunidade foram superficiais e pouco transparentes, apenas com uma liderança do quilombo.

A realidade no quilombo Alto Alegre, nas visões dos informantes, a relação é mais promissora e otimista. **João** resgata essa trajetória, iniciada mais de uma década atrás:

[...] lá em 2008 parece ou foi em 2010 que a gente já integrava a educação quilombola na prefeitura, a gente começou trabalhando com os professores que até o professor, um senhor lá de Fortaleza que é dos movimentos, ele era quem era o formador dos professores quilombolas do município de Horizonte. A gente já tem o trabalho de muito tempo, a história, a aula de história quilombola dentro das comunidades estudantis do município de Horizonte, já de muito tempo.

Fica evidente que o processo de implementação de políticas públicas, no geral, é longo e necessita de amadurecimento e mobilização constante.

Seguindo o mesmo questionamento sobre a gestão municipal e sua influência, **Maria** fala que:

Hoje a gestão municipal está muito aberta, eles sempre foram muito abertos, para dialogar com a comunidade, mas nesses últimos anos eu acho que há oito anos por aí, que eles começaram a realmente de fato abrir espaço para que a gente possa tá entrando nesses espaços né. Porque hoje nós temos a Marleide, que é aqui da comunidade quilombola, está como diretora na escola olimpíada nogueira que é nossa escola mais próxima que atende a maior demanda da comunidade e também nós temos hoje o Jeovane que ele está na secretaria de educação, ele trabalha com essa questão da educação étnico-racial e quilombola dentro da secretaria então ele é um formador, ele é um técnico, que tá lá dialogando nesse espaço, então hoje a gente vê que está se abrindo caminhos, então a gente acredita muito que é o começo. Fazer documentos, fazer reuniões, criar muitos objetivos específicos para que a gente possa estar futuramente cada vez mais avançando nessa questão.”



Ainda segundo a entrevistada, o ponto central dessa aproximação foi, principalmente, porque o município aderiu à questão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (SINAPIR), sendo necessário trabalhar as questões ético-raciais e quilombolas juntos. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, o SINAPIR é “Um sistema que permite a articulação do Governo Federal com estados e municípios para implementação de políticas e serviços destinados a superar as desigualdades étnicas no país.” (BRASIL, 2021)

Parece que cada vez mais as respostas seguem um padrão, onde no Sítio Veiga, aparentemente, há uma relação bem frágil, muitas vezes distante, entre o governo municipal e o quilombo. Enquanto isso, no quilombo Alto Alegre apresenta uma relação boa, em processo de avanço com seus gestores municipais.

O quilombo de Horizonte tem essa discussão a muitos anos e se intensificou ao longo dos anos, já o Sítio Veiga não teve uma discussão clara e para toda comunidade, teve-se uma conversa com uma liderança, mas que não foi divulgada para a comunidade, o que torna uma conversa privada e não uma discussão coletiva.

## **6. A VOZ DAS ESCOLAS: AS DIRETORAS E SUAS PERCEPÇÕES**

Durante as entrevistas, entrevistamos duas diretoras de escolas municipais para compreender suas percepções sobre a implementação da educação escolar quilombola nas comunidades Alto Alegre e Sítio Veiga, tendo em vista que as duas recebem estudantes quilombolas nas escolas que dirigem.

A primeira diretora da Escola de Ensino Fundamental Antonio Martins de Almeida que recebe os estudantes do quilombo Sítio Veiga, tem 55 anos, se autodeclara parda e nasceu e mora atualmente em Quixadá. Tem diversas formações: Letras com Português e Inglês, Pedagogia e Filosofia. É professora da rede pública desde 1993 e trabalhou muito tempo na CREDE 12<sup>2</sup> enquanto formadora.

A segunda é diretora da Escola de Ensino Fundamental Olímpio Nogueira Lopes, que recebe os estudantes do quilombo de Alto Alegre, tem 37 anos, se autodeclara mulher preta quilombola, nasceu em Pacajus e mora atualmente em horizonte na comunidade de Alto Alegre. É formada em Marketing e Administração e está finalizando o curso de pedagogia da Unilab, além do mestrado no Curso Interdisciplinar em Humanidades na mesma instituição. Também é pós-graduada em gestão escolar e em psicopedagogia. Além de diretora da escola, integra uma rede de erradicação do racismo pela cátedra da Unesco.

As questões abaixo apresentadas são sobre a escola que recebe as/os estudantes quilombolas e sobre a gestão municipal e educação escolar quilombola, trazendo também questões relacionadas às dificuldades enfrentadas para a implementação da educação escolar quilombola.

### **6.1 A escola e as/os estudantes quilombolas**

Quando questionada sobre a presença de estudantes quilombolas na escola de ensino fundamental, a diretora da Escola de Ensino Fundamental Antonio Martins de Almeida afirmou que recebem, mas que não há uma educação diferenciada para esses estudantes.

Diferenciada eles não recebem, mas nós sabemos que de acordo com os documentos DRCs, LDB, de acordo com a Lei, o estudo sobre os quilombolas ele está presente, não só sobre os quilombolas, mas da etnia, então assim, não só os quilombolas recebem essa educação diferenciada, todos da escola recebem da mesma forma, é trabalhado sim, mas não é trabalhado em exclusivo só para os alunos do Sítio Veiga, dos quilombolas, é trabalhado na sala de aula para todos os alunos, da mesma forma, mas que é

---

<sup>2</sup>12<sup>a</sup> Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação

respeitado é trabalhado o que é orientado pelo MEC, o que é orientado nos documentos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) citada é a lei nº 9.394/96, que rege a educação brasileira é um documento geral que indica os caminhos que a educação brasileira deve seguir de maneira geral. Já os Documentos Curriculares de Referência (DRCs) são específicos de cada estado “O Documento Curricular Referencial do Ceará (doravante, DCRC) é constituído por diretrizes e linhas de ação básicas que configuram o Projeto Curricular do Estado do Ceará.” (CEARÁ,2019, p. 19).

Questionada se a escola reconhece a identidade étnico racial dos estudantes quilombolas, ela afirma que reconhece, mas não dá mais detalhes sobre o assunto.

Em relação a como se dá a relação entre a escola com a comunidade Sítio Veiga, a diretora afirma que existe e cita algumas ocasiões.

[...] em quase todos os momentos, nós estamos em contato, quando nós fazemos alguma ação, a questão da cultura que é muito presente, a cultura, tanto do pessoal do quilombo como a escola também é uma escola de cultura. Nos nossos momentos culturais a gente sempre faz aquela parceria de ter quando aceitado né, nós fazemos aquela cultura que a escola na caravana da cultura a escola vai até a comunidade, então nós fazemos sim parcerias e aqui e acolá nós estamos com a Alzenir que é a presidenta de lá que representa também, com a Taís que é filha dela também, muito presente aqui na escola. Tanto nós cedemos os espaços para que aconteça acompanhamento, essa cultura, essa vivência aqui na escola, como em algumas situações também nós vamos até o Veiga, quando é solicitado, quando tem uma necessidade viu, então tem essa parceria sim.

A fala acima entra em conflito com a fala dos entrevistados da comunidade Sítio Veiga, que dizem não haver uma relação entre a escola e a comunidade e que quando há são em momentos como a semana da consciência negra unicamente. Isso traz um pouco do que fica nítido durante as entrevistas, a falta de diálogo entre a escola e a comunidade.

Questionada sobre o seu conhecimento sobre a educação escolar quilombola, ela afirma ter conhecimento apenas na teoria, por livros. Quando pergunta sobre as dificuldades para a implantação da educação escolar quilombola no quilombo Sítio Veiga, a diretora afirma que não sabe, porém levanta algumas hipóteses, como:

Não, até o momento não chegou até nós, mas assim, eu não sei de concreto, mas o que que a gente pode perceber, antes tinha a escola no veiga, só que a comunidade ela tem eu acho que a comunidade tem poucas pessoas para formar turmas, se a gente tivesse alunos suficientes para formar uma escola do Sítio Veiga então seria muito interessante, só que se a gente for formar a gente vai ver que por exemplo, uma minoria, cinco, seis, sete alunos nas

turmas da educação infantil, dois, tres, quatro, então assim a gente ia ter uma quantidade muito pequena de alunos em cada série, e aí seria necessário fazer enturmação de séries e na hora de pensar que está ajudando poderia também estar complicando né, no lugar de estar trabalhando puro só uma turma, seria multisseriado que é uma das propostas de até erradicar, de trabalhar só a turma pura. Então eu acho, não tô falando assim que é o certo ou é a dificuldade, mas pra mim a dificuldade é essa, se a gente for ver nós não vamos ter público o suficiente para formar uma, nem que seja uma única turma, porque aqui na escola por exemplo nós temos trezentos e dezesseis alunos e aqui só existe uma sala de aula para cada série, dois anos, três anos, quatro anos, até o nono ano só temos uma turma e é porque nós temos o público de todas as outras localidades do distrito Dom Maurício, então se fossemos ofertar uma única escola lá no quilombo, como seria? seria regredir ? para poder fazer multisseriado, enturmação? ou seria uma sala de aula por nível? primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto ano, até o nono ano? contendo apenas cinco, seis alunos em cada turma, tá entendendo? então eu não sei se seria essa a dificuldade, mas olhando assim de forma geral talvez essa seja uma dificuldade.”

Sendo uma mulher quilombola, a diretora da escola Olimpio Nogueira, mostrou conhecimento “para além da teoria” e experiência de uma escola diferenciada. Quando questionada sobre quais as dificuldades para a implantação da educação escolar quilombola, traz diversos aspectos em sua fala:

Na verdade esse movimento ele é muito novo, esse movimento da educação escolar quilombola ele surge com tensionamento da nossa estadia, de um grupo de estudantes que esta na unilab, que sou eu juntamente com outros estudantes que estão na unilab, e quando a gente começa a pensar a educação escolar quilombola dentro do nosso território, e a gente começa a fazer ações esporádicas dentro do território e não na escola, então quando eu venho para a escola e assumo a gestão, a gente começa a tensionar a secretaria de educação e a secretaria com uma sensibilização e de também já ter a consciência e perceber a necessidade dessa escola ter essa educação diferenciada é que a gente começa a criar as diretrizes, hoje nós estamos no processo a partir do profissional técnico de educação Jeovane Ferreira que também é quilombola, a gente começa a criar diretrizes da educação quilombola aqui da escola e do município, então a gente está nesse processo. É um desafio porque a gente entende que precisa se formar quadro de professores, esses profissionais que estão hoje na escola não são quilombolas e ainda não tem formações específicas dentro de suas áreas para lecionar nas escolas quilombolas, então hoje o nosso maior desafio é fazer com que haja essa formação de professores. A gente está criando materiais para subsidiar o aprendizado dos professores também, eu não posso chegar na escola mudar tudo sem ter minimamente o subsídio para garantir que esses professores vão dar conta do recado, então o maior desafio hoje é esse, é realmente a gente conseguir fazer com que os profissionais eles tenham essa capacitação e que também haja concursos públicos que contemplem e que tenham vagas específicas para quilombolas, para essas duas escolas.

Quando se perguntou sobre se todos os professores praticam um currículo diferenciado que atenda as especificidades da comunidade, a diretora afirmou que “Esporadicamente sim, mas o que eu preciso, eu preciso que a lei seja aprovada para que a gente consiga implementar de fato essa educação”. A lei citada é uma lei

municipal que está ainda em construção para a efetivação da educação escolar quilombola no município de Horizonte- Ceará.

Ainda segundo ela: “o currículo vem lá de cima [...] na secretaria de educação para chegar aqui embaixo nas mãos dos professores para que a gente consiga fazer isso”. Enquanto a lei não é aprovada, o trabalho é individualizado com cada docente: “a gente vem pedindo para que os professores contextualizem sua aula [...] Então é trazer também um pouco da Educação das Relações Étnico-raciais(ERER) do que mesmo da própria educação escolar quilombola [...] contextualizar pertencimento étnico-racial, consigo trazer relações de classe, raça e gênero”.

Apesar das limitações, a diretora afirma que o diálogo tem se intensificado, mas que existe um processo de desconstrução de um fazer docente de décadas, às vezes:

a gente está conseguindo minimamente dialogar com esses professores né, e aí é complicado também no sentido de que eles já estão a mais de vinte anos na educação, então eles aprenderam de uma forma e não querem re-aprender, embora eles falam muito de Paulo Freire, mas exercer Paulo Freire é muito difícil, então eu sinto muito isso, Paulo Freire ele está muito nas falas, quando na prática a gente sente a necessidade desse cara está atuando no chão da escola.

Sobre quais dificuldades a escola enfrenta ainda hoje para o seu pleno funcionamento, a diretora ressalta a falta de profissionais qualificados que já foi levantado pelos moradores da comunidade: “[...], mas uma das coisas que eu sinto que é o que mais impacta hoje [...] é o quadro de colaboradores, não que os profissionais não sejam bons, são excelentes profissionais, mas a minha dificuldade é na compreensão da temática”. Nesse aspecto, ela mostra a necessidade de uma formação continuada de todos os profissionais que trabalham na escola, aqueles “que atuam dentro do chão da escola, dentro da escola em si”.

A questão dos profissionais que atuam nas escolas quilombolas sempre volta à discussão, pois diversas as falas dos entrevistados são voltadas a essa questão. A resolução nº 8 , de 20 de novembro de 2012 das diretrizes da educação escolar quilombola define a “IV presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas escolas que recebem estudantes oriundos de territórios quilombolas;” (BRASIL, 2012, p. 6) pois esses professores conheceram a realidade e especificidade da comunidade e lidarem melhor com as questões relacionadas aos conteúdos históricos e culturais da comunidade, facilitando também a relação entre a comunidade e a escola, parte importante para a construção e efetivação da educação

escolar quilombola. Porém as comunidades ainda não possuem quadro de professores da própria comunidade para atuarem pelo que percebemos durante as entrevistas.

## **6.2 A gestão municipal e a educação escolar quilombola**

Para a diretora da Escola de Ensino Fundamental Antonio Martins de Almeida, parece não haver grande interferência/influência da gestão municipal no processo de implantação da educação escolar quilombola:

Eu não vejo que tenha nenhuma influência, ou negativa ou positiva da gestão, já é lei, já existe, nós já trabalhamos dentro da sala de aula os temas dos quilombos, porque assim, a gente compreende que na hora que a gente tirar uma parte dos alunos, para a gente trabalhar de uma forma específica, apenas com os alunos quilombolas, nós vamos estar excluindo os outros ou nós vamos estar trabalhando só eles e os outros precisam desse conhecimento, precisam saber como acontece, como é, eles precisam ter esse conhecimento, então é trabalhado essa situação, toda essa lei, mas dentro da sala de aula regular com todos os alunos, a gente trabalha sim, e assim tá muito presente a gestão, ela está muito presente, esse ano e o ano passado que a Taís está a frente da ação social, então assim está tendo muito esse trabalho, tanto do veiga, quanto da escola. Tá tendo uma parceria muito assim, muito aberta.

A partir do momento que a escola é de ensino fundamental e de gestão municipal e recebe estudantes quilombolas, a gestão municipal teria a responsabilidade de proporcionar a esses estudantes a educação escolar quilombola, então a não percepção da influência da gestão municipal nesse processo mostra o desconhecimento sobre a educação escolar quilombola e como ela se dá em escolas de ensino fundamental, como é o caso.

Para a diretora da Escola Olimpio Nogueira, Marleide, a influência da gestão municipal no processo de implantação é vista como uma parceria, como fica evidente em sua fala:

Nós temos uma parceria, a gente chama de parceria, porque quem tenciona é o movimento quilombola aqui da comunidade, então as lideranças comunitárias que tensionam a secretária de educação, a secretaria de educação se sensibilizou e também tem esse olhar diferenciado, porque é uma professora que já faz trabalhos, Professora Rita de Cássia, ela já faz trabalhos na comunidade com as mulheres bordadeiras e aí ela também tem esse olhar de entender que essa educação ela precisa ser pautada, então assim, hoje a secretaria de educação do município ela tem um papel fundante, importantíssimo, porque não adianta a Marleide que está gestora querer fazer se a secretaria de educação não fizer lá em cima para garantir que essa educação ela se torne uma política pública, ela não pode ser algo esporádico, ela tem que ser uma política que vai entrar prefeito, vai sair prefeito, vai entrar gestor e vai sair gestor essa educação ela irá permanecer, ela não pode ser só na gestão da Marleide, ela tem que continuar acontecendo.

Questionada sobre a diferença entre uma escola tradicional e uma escola quilombola, respondeu com bastante conhecimento de causa:

A diferença é que a escola tradicional tem um foco muito grande nas avaliações externas, não que isso não seja importante, porque é. Na educação formal eles têm uma aprendizagem eu diria até eurocêntrica, porque é isso mesmo, a gente traz por exemplo os livros que os meninos estudam na educação formal falam sobre diversos continentes menos o continente africano, e quando a gente traz aqui para a educação escolar quilombola a gente começa a pensar essa educação a partir das nossas vivências, a partir do chão do quilombo, planejamento escolar, professores, eu levei eles, teve um planejamento coletivo por exemplo em que eu levo os professores para o quilombo, para eles sentirem sobre o que é território, então assim, existe essa diferença de pertencimento étnico, de pensar na territorialidade, pensar coletivamente, para todo e por todos, quando eu penso nessa educação diferenciada é pensar mesmo que a educação ela é pautada a partir das vivências dos estudantes, a partir do que eles vivenciam na comunidade e externam isso e trazem isso para dentro da escola, como trazer por exemplo a raizeira para conversar com os alunos, trazer o Nego do Neco, eu chamo o Nego de guardião da história, levar os alunos para conhecer por exemplo a casinha Maria Cabocla e fazer com que as mulheres que estão lá contem sobre a história dessa mulher, trazer nas aulas de história e de geografia o contexto histórico da comunidade, hoje mesmo eu estava falando com o formador sobre o projeto de geografia, eu preciso falar para essas crianças qual tipo de vegetação que tem no território, como é que é esse território que pra mim é sagrado e como é que eu uso por exemplo na aula de ciências as ervas medicinais, como é que é feito o lambedor, a partir de que substâncias, então assim, é pensar nisso, nessas vivências, é pensar nos bordados para fazer a matemática e trazer para dentro da escola a etnomatemática, é trazer contação de história, falada pelo tio Vicente que é um dos nossos **griôs** e a partir da fala dele a começar a trabalhar linguagem com os alunos, pra mim isso é uma educação diferenciada, que não acontece nas escolas formais.

A partir dessa fala marcante da diretora da escola Olimpio Nogueira podemos perceber como é a vivência de uma educação escolar quilombola de forma clara, quando ela traz a utilização das ervas medicinais, da cultura do bordado presente na comunidade como forma de ensinar matemática e na história contada a partir do que ela chama de Griôs que é definido como “Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos Griots”(PEREIRA, 2020). Esses guardiões da história e cultura estão muito presentes nas comunidades quilombolas, e são essenciais na construção da educação escolar quilombola como uma educação emancipadora e centrada no conhecimento tradicional que a comunidade possui.

Questionada sobre qual o modelo de gestão utilizado na escola quilombola e qual a diferença da gestão de uma escola tradicional a diretora respondeu que por possuir experiência apenas na escola quilombola, não poderia falar sobre a escola tradicional, dizendo o seguinte:

Eu posso te responder com relação a educação escolar quilombola por ser espaço que ocupo. Sempre tento deixar um legado para as pessoas que ficam, no sentido de que estou aqui por um objetivo, que é implementar a educação escolar quilombola e trabalhar a EREER. Acho que fazer a gestão da educação escolar quilombola você tem que gostar, e sobretudo também ser um estudioso sobre o assunto. Eu não só estou na gestão, estou na sala de aula, na cantina e quando preciso deliberar alguma coisa que eu sei que vai impactar na escola, eu não faço essa deliberação sozinha, eu faço com os serviços gerais, bem como se a decisão for impactar a cozinha, eu chamo a cozinha. Então assim, a minha gestão é muito compartilhada, eu sempre digo isso, eu estou gestora, mas eu não sou gestora, eu sou pedagoga, sou administradora.

Podemos perceber como uma gestão feita por alguém que conhece a comunidade e as pessoas que a compõem é diferente, agrega o conjunto de agentes que fazem parte da escola e contribui para que a escola funcione da melhor maneira possível. Realizando uma gestão participativa e democrática.

Quando questionamos a diretora sobre como a comunidade conseguiu contornar os obstáculos e as dificuldades para a implantação da escola quilombola ela mostra que a comunidade tem participado desse processo, dizendo que:

Hoje a comunidade tem sido muito participativa, assim, a educação escolar quilombola é um grande desafio e a gente tem conversado com a comunidade sobre isso. A gente tem feito um trabalho de formiga, a gente vai na casa deles, vai na associação, vai onde tem gente, sensibilizando e perguntando. Perguntas tipos essas: você conhece a educação escolar quilombola? Já ouviu falar? sabia que para ser um professor de educação escolar quilombola tu tem que ser quilombola? O desafio ainda é grande, pois nos dias de hoje a escola tem e conta com professores que não são quilombolas e por isso que a gente fala para a comunidade principalmente os jovens que se tiver formado a gente consegue garantir uma vaga para ti, bora lá. Aos poucos estamos tendo resultados com relação a esse trabalho que temos desenvolvido na comunidade, isto é porque os jovens aos poucos estão procurando formação inclusive na UNILAB graças ao trabalho coletivo mostrando sempre que nós devemos participar ativamente na construção e desenvolvimento da educação que está acontecendo dentro da nossa comunidade. Portanto, entendemos que o nosso povo, independentemente de idade, gênero, precisa se formar. A gente precisa formar quadro para ocupar essas vagas e espaços.

Sobre como se dá a relação entre a escola e comunidade, temos resposta similar à dada pelos entrevistados da comunidade, mostrando uma boa relação entre escola e comunidade, reafirmando as falas anteriores. Nas falas dos entrevistados do quilombo Alto Alegre ambos ressaltam que há uma relação estreita entre a comunidade e a escola e também ressaltam a importância de ter na gestão da escola uma quilombola pertencente a comunidade e que isso é um ponto importante para essa boa relação.



## 7. A VOZ DO ESTADO A PARTIR DAS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO

Os dois entrevistados representando a secretaria de educação são responsáveis pelas pastas de educação inclusiva e educação étnico-racial. **Antônio** é o representante da secretaria de educação de Horizonte, é quilombola e mora no quilombo de Alto Alegre, desde é graduado em antropologia e mestre em antropologia e é pesquisador das questões quilombolas. **Ana** é representante da secretaria de educação de Quixadá, é sergipana e reside atualmente entre Quixadá e Maracanaú, é pedagoga e sempre trabalhou com a educação inclusiva.

Aqui iremos apresentar questões relacionadas a educação escolar quilombola, a influência da gestão municipal no processo de implantação da educação quilombola e os desafios e dificuldades na implementação.

### 7.1 A educação escolar quilombola

Sobre o conhecimento acerca da educação quilombola, o representante da secretaria de educação de Horizonte afirma conhecer. Já a representante da secretaria de educação de Quixadá diz não ter conhecimento sobre o tema, mas que está buscando conhecer agora:

Eu estou conhecendo, estou iniciando os meus estudos, para mim foi um desafio porque sempre trabalhei na educação inclusiva, apenas na educação especial. O gestor da diversidade sempre foi, o gerente da educação inclusiva e diversidade, só que nunca houve um olhar para a diversidade, étnico-racial e para indígenas[...] eu fui a comunidade quilombola, me inscrevi em uma especialização remota e estou escrevendo um projeto e procurando todas as pessoas que são da comunidade para contribuírem com esse projeto, porque eu não posso falar pelas pessoas que vivem, cada um fala por si, então eu estou para implementar, mas eu estou buscando me capacitar, buscando contatos, [...]Quando eu estive no Sítio Veiga eu tive a oportunidade de conhecer e de estar lá, de me sentir parte, de conhecer aquela cultura e saber com certeza de que a cultura do Sítio Veiga ela precisa ser ensinada no município de Quixadá, não pode ser só uma particularidade de lá, do distrito de Dom Maurício, é uma cultura tão rica, tão vasta que precisa se difundir em todo o município de Quixadá, então eu Cristiane não posso fazer isso sozinha, por isso que eu preciso trazer todas as pessoas que têm pertencimento, que tem conhecimento de fato, então eu preciso estar de mãos dadas com as pessoas que fazem parte.

Esse desconhecimento é um indício de falta de diálogo com a comunidade e com o movimento quilombola em si. Conhecer a educação quilombola e as demandas da comunidade é o primeiro passo para que a educação escolar quilombola possa acontecer e ser efetivada. Esse desconhecimento nos mostra que a gestão municipal de Quixadá tem um longo percurso a percorrer para efetivar essa política pública.

Quando questionado sobre os desafios para a implementação da educação escolar quilombola **Antônio** responde que:

Na perspectiva geral eu acho que está muito relacionado à compreensão da responsabilidade de cada município com o reconhecimento dessa modalidade de educação, a modalidade educação escolar quilombola. Então a primeira coisa que eu penso é que parte do poder público, reconhecer essa modalidade, reconhecer o direito das comunidades quilombolas a uma educação diferenciada, porque os movimentos estão tencionando, estão reivindicando uma educação diferenciada, o atendimento específico de suas escolas. A gente tem feito um movimento muito intenso exatamente a um ano, eu colocaria como marco um ano, até porque a nossa presença como gestores quilombolas, coordenadores quilombolas é algo recente, começou ano passado, então as dificuldades que nós temos hoje está mais relacionada a questões mais estruturais, porque mesmo diante da resolução que estabelece a educação escolar quilombola o nosso desejo é construir a nossa própria referência, é construir uma resolução nossa própria, com as nossas características. Portanto, a gente tem muita dificuldade dentro dessa estrutura, de mover isso, de trazer o debate, de reunir segmentos, que precisam estar ligados a esse debate, porque não é algo só pedagógico, quando a gente chega numa estrutura como a secretaria de educação, a gente percebe que não é uma coisa só da parte pedagógica, na verdade entra a parte financeira da secretaria, entra a parte de gestão de pessoas, entra também a questão da própria alimentação, os nutricionistas, então a gente precisa mobilizar várias pessoas aos mesmo tempo, e aí às vezes os grandes entraves é essa articulação, é como é que mobiliza todo mundo, para a gente pensar sobre isso.

Já a representante da secretaria de educação de Quixadá afirma que não consegue perceber as dificuldades, que para ela ainda não são palpáveis.

A partir das falas percebemos a discrepância de conhecimento sobre a educação escolar quilombola, enquanto Antônio apresenta com clareza os diversos desafios que são enfrentados no Alto Alegre para efetivação da educação escolar quilombola, Ana não consegue elencar, mostrando que é preciso aprofundar o debate em Quixadá junto à comunidade Sítio Veiga.

Sobre a escola que recebe os estudantes quilombolas do quilombo Alto Alegre ter ou não uma educação diferenciada ele traz alguns aspectos do porquê não haver efetivamente, mas também mostra o trabalho que vem sendo realizado na escola.

Eu diria que pelo fato de nós hoje estarmos construindo as referências para de fato ter uma pedagogia de quilombo, trazendo todas aquelas demandas que a gente tem em relação a memória, ancestralidade, a território, não. Mas eu não posso desconsiderar o trabalho que cada um que está lá nas escolas, os diretores quilombolas, os coordenadores quilombolas estão tendo para trazer diante desse cenário uma educação que é diferente, então nós temos visto a existência de práticas pedagógicas que são quilombolas, uso da circularidade, de sair do espaço da sala de aula, de fazer mesmo uma aula fora em círculo, de ter planejamento com os professores dentro da própria comunidade, de nós usarmos material que construímos, tem o calendário Afro-quilombola, com datas específicas do nossos territórios e também com datas do movimento negro, do movimento indígena e do

movimento quilombola como um todo, por isso que eu digo, nós temos um caminho muito grande, a gente vê que de fato ali a ancestralidade, a parceria da escola, visitas, excursão. Mas hoje nós estamos fazendo práticas pedagógicas que não existiam antes e que são práticas da educação quilombola, então a gente tá caminhando, muito otimista, e aquilo que vai de fato assegurar esse cumprimento é a nossa diretriz municipal, que vai trazer uma base para a gente construir essas referências pedagógicas .

É importante perceber que a educação escolar quilombola tem um processo de construção dentro de cada escola e de acordo com cada comunidade, aqui vemos como o quilombo Alto Alegre vem construindo a sua aos poucos nesse último ano, e como tem avançado nas práticas e na busca pela produção de material didático próprio.

## **7.2 A influência da gestão municipal no processo de implantação da educação quilombola.**

Sobre a influência da gestão municipal nesse processo Antônio acredita que por ser poder público a secretaria influencia em tudo no que diz respeito a implementação da educação escolar quilombola e diz o seguinte :

Eu diria que do ponto de vista de nós sermos poder público, nós temos total influência de tomada de decisão, porque não existe outro órgão, outro sujeito, que vá dizer assim, vamos fazer, a não ser a própria secretaria de educação, que é o poder público, então ela influencia todas as tomadas de decisões, o conjunto que forma a secretaria de educação é quem vai impulsionar, eu diria a invés de influenciar, eu diria que vai impulsionar essa concretude, então são as reuniões, é fazer uma resolução municipal, é fazer a formação de professores, a formação de gestores, de uma alimentação diferenciada . Então cabe à secretaria de educação esse papel da responsabilidade, de mobilizar todo mundo e de fazer acontecer, isso com a participação política da comunidade.

É importante que o poder público saiba da sua importância para a implementação da educação escolar quilombola como mostra acima, e que tenha quilombolas participando ativamente no processo, como é o caso do quilombo de Alto Alegre. Ter o conhecimento e usar essa influência para fazer com que efetivamente a educação escolar quilombola aconteça é o papel principal da gestão municipal nesse caso.

Ana afirma que é um desejo da gestão municipal que a educação escolar quilombola aconteça o mais rápido possível, afirmando que vêm sendo desenvolvidas atividades com vista a implementar um projeto sobre a educação escolar quilombola já em 2023.

É um pedido da gestão municipal de Quixadá, não é só um desejo, eles tem essa pressa e a gente precisa iniciar o mais rápido possível, já iniciamos, já demos o primeiro passo com o primeiro fórum da diversidade etno-racial que foi em outubro de 2021, agora dia 05 de outubro de 2022 nós teremos a segunda parte com a apresentação preliminar do projeto que a gente tem e para os integrantes, a presidenta, juntamente com sua filha, fazerem o aceite e os outros membros que participaram do primeiro fórum como a presidenta do conselho de educação, a secretaria de educação, todos os membros colegiados a secretaria de educação fazerem esse aceite e a gente poder a partir de janeiro de 2023 estar em todas as escolas com esse projeto.

Mesmo falando que é um desejo da gestão municipal há uma contradição com as falas sobre o conhecimento sobre a educação escolar quilombola e também com o fato da gestão não trazer esse diálogo sobre a educação escolar quilombola para dentro da comunidade e para dentro da escola que recebe os estudantes do quilombo Sítio Veiga, como realizar um projeto sendo que não houve um diálogo com a comunidade para saber as demandas e necessidades dela.

Quando questionado sobre a relação entre a comunidade e a gestão municipal, ele diz que há uma boa relação:

Hoje nós temos uma boa relação que nos possibilita levar até a gestão municipal as demandas que a comunidade está colocando para o poder público, na verdade essas demandas elas foram reivindicadas desde o início do processo eleitoral, anterior ao início dessa gestão, onde as lideranças, que nós chamamos de um grupo político, as lideranças, as pessoas que estão envolvidas com o movimento, construíram um documento, uma carta de reivindicações com vários pontos de assuntos importantes para a comunidade, a saúde, a educação, agricultura e ai vai. Então nós entregamos essa carta em um ato que foi feito na própria comunidade, aos candidatos, e um dos candidatos, que nós pedimos que assinasse que é o atual prefeito, ele ganhou, então a gente já tinha ali para início da gestão dele demandas que haviam sido feito um compromisso, então ficou mais fácil da gente dialogar sobre essas demandas, buscar as formas de realização da educação escolar quilombola, nesse momento que a gente reivindica, olha a gente tem essa demanda, a gente precisa implementar a educação quilombola, tem que conhecer esse direito, e aí a gente começa com o que, com a contratação de professores. Nós temos cinco instituições cadastradas no censo escolar como quilombolas. São três escolas de ensino fundamental e dois centros de educação infantil. Então grande parte hoje desses espaços, são administrados por coordenação ou direção por quilombola, é algo que a gente conseguiu de muito avanço no município, que até então a gente nunca teve nenhum gestor quilombola nessas instituições, e isso é muito importante. Então hoje a gente consegue ter gestores, coordenadores pedagógicos e outros, estagiários, nós temos estagiários de apoio à inclusão, para trabalhar com as crianças que têm necessidades especiais, então há hoje um diferencial no ponto de vista da presença de quilombolas dentro desses espaços, coisa que era muito distante nos últimos anos, e aí não tenho como deixar de lado também o fato da minha própria presença dentro da secretaria de educação para essas duas pastas que até então não existiam, então é algo que vai ser transformado a partir de setembro do ano passado, então a gente fez um ano agora, está em setembro também, finalizando setembro, então nós fizemos um ano onde nós estamos dentro da secretaria de educação, mobilizando a efetivação da educação escolar quilombola.

Quando questionada sobre a relação da gestão municipal e da secretaria de educação com a comunidade Sítio Veiga, Ana afirma que esse contato só começou recentemente com uma visita sua e de algumas técnicas da secretaria à comunidade. “Diretamente com a secretaria de educação, o acesso mais recente que houve foi meu e de outra técnica da secretaria de educação que estivemos lá, para poder conhecer a realidade, o que pensam, os desejos, as vitórias que são inúmeras as vitórias contadas por eles de superação, de filhos que saíram de lá que estão em universidades, que passaram em concursos públicos, então a gente foi para ficar um pouquinho mais perto, para conhecer quem eles são.”

Quando falamos sobre a escola que recebe os estudantes do quilombo Sítio Veiga e sobre se a secretaria já levantou a questão da educação quilombola como pauta, ela afirmou que a escola não possui uma educação diferenciada e que nunca foram levantadas questões sobre a educação escolar quilombola junto a comunidade.

Já Antônio afirma que a secretaria de educação de Horizonte já levantou a questão da educação escolar quilombola e que há uma gestora que entende essa necessidade.

Sim, o primeiro passo da secretaria é reconhecer a necessidade de gestores quilombolas, de professores quilombolas e de criação de uma pasta dentro da secretaria que debata essa questão, então a secretaria hoje, quem está a frente é a professora Rita de Cássia e é uma pessoa que está junto com o movimento quilombola, ela inclusive coordena um dos projetos mais importantes que a gente tem de resistência, que são as bordadeiras do quilombo, então ela conhece muito bem a trajetória do povo quilombola de alto alegre e aí ao assumir a pasta da secretaria ela já havia firmado esse compromisso de nós discutirmos a educação quilombola, então nós estamos completamente engajados nesses objetivos.

Com as falas acima sobre a relação entre a relação das respectivas gestões municipais com as comunidades, o atendimento dos alunos quilombolas nas escolas que o recebem e sobre a gestão trazer a educação escolar quilombola para o debate, vemos um padrão se repetir, aparentemente Horizonte já está a passos de conseguir efetivar a educação escolar quilombola, e vem buscando sempre trazer o debate enquanto Quixadá parece não ter uma previsão de começo do debate, e parece ainda desconhecer a educação escolar quilombola dentro da secretaria de educação.

### 7.3 Desafios e dificuldades na implementação.....

Sobre possíveis caminhos para contornar as dificuldades para a implementação da educação escolar quilombola, o entrevistado acredita que deve começar por construir leis que assegurem a educação escolar quilombola, como política de estado e não de governo.

Eu penso particularmente que a gente precisa construir uma política que ela tenha amarras, ou seja que sejam políticas sólidas, que dentro do espaço público precisamos garantir leis, resoluções do conselho municipal de educação de outros tipos de documento que eles vão estabelecer de fato a existência dessa política, então hoje nós estamos tentando contornar esse cenário de dificuldades, criando uma resolução municipal própria que vai estabelecer como vai funcionar a alimentação, o transporte, a formação de professores, a lotação das escolas e vários aspectos que já são contemplados na resolução nacional da diretriz da educação escolar quilombola, nós estamos também buscando a partir de ações práticas pedagógicas, como eu citei nós fizemos o calendário afro-quilombola, que nós construímos em parceria com vários professores quilombolas, tanto de alto alegre, quanto da Base, Pacajus, nós temos um ABC quilombola, pensando a necessidade de nós modificarmos essa estrutura de alfabetização que ela não dá conta muitas vezes dos nossos aspectos culturais, aspectos identitários então é uma sequência de ações e de estratégias que estão sendo adotadas para que a gente consiga de fato estruturar, para a educação escolar quilombola, porque a partir dessas resoluções, a partir dessas leis municipais, nós vamos conseguir continuar essa reivindicação, para efetivar a educação quilombola, efetuando ela cada vez mais.

A respeito de como contornar os desafios para implementação da educação escolar quilombola, Ana traz que é possível implementar, mas não fala nada de concreto sobre a questão. “Eu acho extremamente possível que a gente realize e avance nesse sentido lá na comunidade, já que o público está lá, nós precisamos iniciar de lá, não existe nada que limite, pelo contrário, é palpável, mas pertinente que a gente inicie de lá.”

Fica perceptível pelas falas dos entrevistados que Horizonte avança muito mais e que o representante apresenta maior conhecimento de como contornar as dificuldades e implementar efetivamente a educação escolar quilombola, enquanto quixadá parece ainda estar dando início sobre o debate sobre a questão e não tem uma base sólida sobre o assunto.

## **8. Considerações Finais**

Este estudo buscou identificar e analisar as dificuldades de implementação de política pública voltadas para a educação escolar quilombola, através da percepção de vários e vários agentes e interessadas/os nessa luta histórica nos municípios de Quixadá e Alto Alegre nos quilombos Sítio Veiga e Alto Alegre.

Na busca de cumprir com esse objetivo a pesquisa foi voltada aos principais envolvidos na construção dessa política pública, membros das duas comunidades citadas acima, diretoria das escolas que recebem os estudantes de ensino fundamental das comunidades e uma representação das secretarias de educação de Horizonte e Quixadá.

Ao longo do trabalho percebe-se que a construção da educação escolar quilombola tem um processo que demanda uma colaboração entre o quilombo, à escola e governo municipal e foi por isso que foram os três agentes utilizados na pesquisa de campo em entrevistas. A partir dessas entrevistas tivemos resultados que nos mostram a diferença entre as duas comunidades no seu processo de implementação, enquanto Alto Alegre tem um elo entre os três agentes citados na busca da efetivação da educação escolar quilombola, o quilombo Sítio Veiga não mostra o mesmo, tendo cada um dos agentes uma percepção diferente sobre a situação da comunidade e uma relação de afastamento entre a escola e o governo municipal do quilombo Sítio Veiga, o que dificulta que o debate sobre a educação escolar quilombola aconteça.

## 9. REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <[https://www.gov.br/palmares/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/copy\\_of\\_estrutura-organizacional](https://www.gov.br/palmares/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/copy_of_estrutura-organizacional)>. Acesso: 14 de jan de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. **SINAPIR**: saiba o que é, como aderir e quais os benefícios para estados e municípios. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/sinapir-saiba-o-que-e-como-aderir-e-quais-os-beneficios-para-estados-e-municipios>>. Acesso em: 02 de jan de 2023.

BRASIL. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Acesso em 10 de Outubro de 2018, disponível em Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação escolar quilombola na educação básica: <http://etnicoracial.mec.gov.br/educacao-escolar-quilombola>.

CAMPOS, M. C; GALLINARI, T.S. **A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil**. Revista NERA, v. 20, n. 35, 2017.

CEARÁ. CEE indica representantes na Comissão Interinstitucional de Educação Escolar Quilombola. 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/07/28/cee-indica-representantes-na-comissao-interinstitucional-de-educacao-escolar-quilombola/>. Acesso: 02 de jan de 2023.

CEARÁ. **Documento Curricular Referencial do Ceará: Versão Lançamento Virtual (Provisória)**. Disponível em: <<https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2019/07/DCR-Vers%C3%A3o-Provisoria-de-Lan%C3%A7amento.pdf>>. Acesso em: 03 de jan de 2023.

CONAQ. Quem Somos. Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ. Disponível em: <<http://conaq.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: Acesso: 14 de jan de 2023.

CONAQ. Quilombo? Quem Somos Nós!. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso: 02 de abril de 2022.

FERREIRA, Antonio Jeovane da Silva; SANTOS, Eliane Costa; COSTA, Jacqueline da Silva. **Ingresso de Quilombolas e Indígenas na Unilab**: Uma proposta que nasce no Quilombo Sítio Veiga – Quixadá/Ce. Horizontes - Revista de Educação, Dourados-M5, v. 9, n. 18, 2022. Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

FERREIRA. Antonio Jeovane da Silva. **Identidade quilombola e territorialidade na comunidade de Alto Alegre/CE**: uma reflexão etnográfica sobre os processos de reconhecimento identitário e territorial na década de 2005-2015. Redenção, 2017.



LOPES, M. A. (2018). **Educação para relações étnico-raciais**. Acesso em 15 de Outubro de 2018, disponível em MEC:  
<http://etnicoracial.mec.gov.br/educacao-escolar-quilombola>.

PEREIRA, Joseane. **Griots**: os contadores de histórias da África antiga. Disponível em:  
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml>. Acesso em: 03 de jan de 2023.

SILVA, Ana Maria Eugenio da. As quilombolas do Sítio Veiga e a dança de São Gonçalo em Quixadá-Ce. Redenção, 2021.

SOARES, E. G. **Educação Escolar Quilombola**: Reafirmação De Uma Política Afirmativa. Reunião científica regional da ANPED. 24 a 27 de julho de 2016. Curitiba/Paraná.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se**: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro (TESE). 2008.

SOUZA, Daiane. **Comunidades quilombolas**: conceito, autodefinição e direitos. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=19099>. Acesso: 02 de abril de 2022.